



## Entre o humano e o animal – considerações sobre territórios em isolamento

Between human and animal – remarks on isolated territories

Entre humanos y animales – consideraciones acerca de territorios aislados

Mateus Scota<sup>1</sup>; Bianca Scliar Cabral Mancini<sup>II</sup>

### RESUMO

Este ensaio aborda as relações espaciais cotidianas a partir dos protocolos de isolamento impostos pela pandemia do vírus COVID-19 ao refletir sobre inversões de perspectiva entre territórios humanos e animais. Observamos como as noções de ocupação, territorialização e transgressão se deram a partir dos corpos de animais “invasores” para questionar como percebemos as justaposições espaciais e territoriais sob uma perspectiva não antropocêntrica? Perguntamos afinal o que o animal desveste em nós e nos revela quando da condição de uma reversão de sentidos sobre o aprisionamento?

**Palavras-chave:** Performance Animal, Humano-animal; Isolamento; Zoobiopolítica

### ABSTRACT

This essay addresses quotidian spatial relationships based on the isolation protocols imposed by the pandemic of the COVID-19 virus while analyzing the inversions of perspective between human and animal territories. We observe how the notions of occupation, territorialization and transgression occurred from the bodies of “intruder” animals to question how we perceive spatial and territorial juxtapositions from a non-anthropocentric perspective? After all, we ask what the animal undress in us and reveals to us when the condition of a reversal of meanings about imprisonment?

**Keywords:** Animal performance, Human-animal; Isolation; Zoobiopolitics

### RESUMEN

Este ensayo aborda las relaciones espaciales cotidianas a partir de los protocolos de aislamiento impuestos por la pandemia del virus COVID-19 y analiza las inversiones de perspectiva sobre territorios humanos y animales. Observamos cómo las nociones de ocupación, territorialización y transgresión ocurrieron desde los cuerpos de los animales “invasores” para cuestionar ¿cómo percibimos las yuxtaposiciones espaciales y territoriales desde una perspectiva no antropocéntrica? Después de todo, preguntamos qué desnuda al animal en nosotros y qué nos revela cuando se trata de la condición de una inversión de los significados sobre el encarcelamiento.

**Palabras clave:** humano-animal; Aislamiento; Zoobiopolítica

<sup>1</sup>Universidade do Estado de Santa Catarina, SC, Brasil - mateus\_scota@yahoo.com - <https://orcid.org/0000-0001-6698-4880>

<sup>II</sup>Universidade do Estado de Santa Catarina, SC, Brasil - bibimove@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0003-3406-8647>



[...] a floresta, embora vivendo do dilacerar-se e do entredevorar contínuo dos animais e das plantas, é regulada por uma lei: a força que não sabe se deter a tempo, bisão ou homem ou condor, cria em torno o deserto e aí deixa o couro, que servirá de pasto às formigas e moscas..." (Calvino, 1991, p. 45)

Em março de 2020 o sistema de distribuição espacial e, principalmente, de circulação corporal em espaços públicos entrou em colapso. Uma força invisível aos olhos surgida no oriente espalhou-se rapidamente pelo mundo ocultada nos corpos humanos que circulavam livremente entre países e fronteiras. Aqueles que gozam do privilégio do abrigo depauperaram-se com a contenção mandatária, no chamado isolamento social, "sob as ordens da coroa". Uma história ao modelo de Ítalo Calvino na qual destinos são embaralhados, as cidades desaparecem e os "escolhidos" se encontram em castelos que obedecem à higiene hospitalar. As cartas se cruzam, as mãos não se tocam, não tocam a boca, nem tocam os olhos, desviados agora pelo aparato de encontros digitais que inviabilizam a linha reta entre as retinas. Estes mesmos olhos, em meio a penumbra da desinformação e da descrença no invisível, duvidam ao mesmo tempo em que testemunham passagens e travessias que poucos realizam em segurança.

Nosso intuito aqui não é tratar de uma história geral de sujeitos humanos, nem dos aspectos trágicos dos conflitos sociais e econômicos que condicionam e desenham este peculiar momento histórico, uma tragédia humana de dimensões sem precedentes. Aqui procuramos recompor uma História da floresta que se vinga (CALVINO, 1991). Neste conto Ítalo Calvino relata a trajetória de uma mulher que, sentada à mesa na sala escura de um velho castelo e rodeada por outros comensais, reúne cartas de um baralho de tarot para montar/contar sua história. A história que a silvestre mulher compõe com as cartas do baralho é narrada pelo autor como a história de um amor selvagem que chega ao fim quando a personagem descobre que seu marido é casado com uma mulher da corte. Saindo da floresta em que habita para procurar o marido desertor na cidade, a mulher descobre que a cidade já não existe mais, ela havia sido invadida pela floresta. "Assim termina a vingança das forças terrestres [...] Agora os pássaros, já dados por extintos, se multiplicam e baixam em bando sobre os quatro pontos cardeais com um estrídulo ensurdecedor." (CALVINO, 1991, p. 46-47). De modo análogo observamos que, na medida em que a vida natural começava a dar sinais de aparição nas curiosas manchetes e lastros documentais de cidades desertas e sociabilidades arruinadas, pudemos refletir sobre territorialidades e as inflexões necessárias para criar modos de transitar alternativos, generosos com os espaços e de maneiras menos deterministas.

A partir da profusão de relatos sobre as transgressões animais em espaços urbanos, pudemos observar logo nas primeiras semanas de reclusão imposta como modo de tentar conter a difusão da pandemia de COVID19, como humanos cederam território imediato aos animais. A presença dos animais evidencia aspectos peculiares sobre como organizamos nossas cidades e sustentamos uma relação territorial que desdenha a dependência das cadeias ecológicas tão fundamentais à nossa condição. Na História da floresta que se vinga Calvino escreveu:

\_Onde pensas que vais, infeliz? Não existe mais nem cidade, nem império! Os caminhos já não levam de nenhum lugar a lugar algum! Olha!

Um mato ralo e poeirento e a areia do deserto cobrem o asfalto e as calçadas da cidade, nas dunas ululam os chacais, nos palácios abandonados sob a Lua as janelas se abrem como órbitas vazias, os sótãos e as adegas transbordam de ratos e escorpiões.

A cidade, no entanto, não morreu: as máquinas os motores as turbinas continuam a roncar e a vibrar, cada Roda engrenando seus dentes em outras rodas, os vagões correndo sobre os trilhos e ao longo dos fios os sinais telegráficos – e homem algum ali para recebê-los ou transmiti-los; para receber a carga ou despachá-la. As máquinas que já havia algum tempo sabiam poder passar sem os homens, finalmente os expulsaram; e após um longo exílio os animais da selva voltaram a ocupar os territórios arrancados à floresta: as raposas e as martas passeiam as fofas caudas sobre os painéis de comando constelados de manômetros e alavancas, quadrantes e diagramas; texugos e esquilos se aquecem sobre acumuladores e magnetos. (CALVINO, 1991, p. 46, grifo do autor)

Na praça de São Pedro, no Vaticano, o Papa Francisco (sumo construtor de pontes, quinto arcano desta história) evangeliza ao vazio. Na missa, celebrada em 27 de março de 2020 e transmitida por diversos canais de televisão e internet, a audiência de milhões de fiéis vê a grande praça molhada pela chuva, em cujo chão se espelha a presença do pontífice, em um solo escultórico. Nenhuma pessoa presencia sua oração pelos que choram no dia em que a Itália se deitou em terror.

As notícias das agências internacionais espalham imagens das ruas vazias nas grandes cidades europeias, caminhos que já não levam a lugar algum. Não há turistas, nem promessas. Não há negociantes ou apostadores. Entre a solidez das

pedras, os sussurros da história. Presenciamos o óbvio: as torres, os grandes edifícios, os impérios de ouro não servem às necessidades de vida. Como há muito, foram os espaços isolados do campo que se tornaram, nos meses seguintes, as fortalezas contra o invisível. As tensões urbanas, contidas no distanciamento e na imobilidade, tornaram-se irremediáveis.

Um diário virtual relata que Portugal decretou crime de desobediência para todos os cidadãos que decidam sair de casa<sup>1</sup>. A China, país no qual aparentemente houve a primeira detecção do trânsito do vírus que “pulou” da família dos morcegos para os humanos, vigia com a ajuda de máquinas todos os cidadãos abrigados para que não saiam de suas casas. Cientistas políticos preocupam-se com os lastros por vir do biopoder instaurado. Em outros territórios, onde humanos ainda circulam pelas cidades, líderes nacionais decretam toques de recolhimento obrigatórios.

Com a confusão de perspectivas instauradas é imediata a ascensão do sonho humano por uma liberdade de mobilidade. Nele, os animais rapidamente ocupam os espaços antes repletos de fluxos maquínicos. Estes sonhos de ascensão à liberdade selvagem ganharam tom de relato - concebidos nos primeiros meses de isolamento social humano -, seja dos canais de Veneza sendo povoados por espécies há muito distantes, ou de elefantes bêbados passeando por Yunnan, na China. Eles nos fazem fantasiar ainda mais com uma liberdade selvagem. Notamos mais que a expressão de um sintoma social, o quanto tornamo-nos criadores de uma narrativa forjada para crer em um triunfo animal. Entre estas e outras narrativas, despontaram notícias verídicas, e, portanto, menos exuberantes, da ocupação de territórios “esvaziados” por corpos animais. Os humanos, que antes ocupavam massivamente os espaços das cidades, agora tornaram-se voyeurs da imunidade animal ante a força de contenção imposta, tanto pelas novas normas de controle quanto pelo estado de exceção diante da ameaça biológica. Os animais finalmente podiam vagar pelas cidades vazias.

Acompanhamos por entre as telas o passeio de veados pelas estações de metrô em Nara, no Japão, e a exibição viril de perus pelas ruas de Oakland, Califórnia e Boston, Massachusetts. Outros animais menos ariscos à presença humana, como as centenas de macacos de Lopburi, na Tailândia, acostumados a receber comida de turistas, disputavam o pouco alimento que restava nos dejetos das ruas. Na África do Sul, leões dormiam confortáveis sobre o asfalto das estradas vazias. O “correspondente das cabras”<sup>2</sup> Andrew Stuart postava nas redes sociais vídeos do rebanho selvagem que tomava as ruas desertas de Llandudno, no País de Gales. Pinguins que passeavam pelo Aquarium de Chicago visitavam belugas. No Brasil, as telas veiculavam o nascimento de 97 tartarugas-de-pente, no litoral de Pernambuco, sem a presença intromissiva dos banhistas, enquanto as 72.000 Olive Ridley ameaçavam invadir as praias de Odisha, na Índia, nas semanas seguintes. Livres de caçadores e turistas, elas retornaram ao seu local de nascimento para vingar sua prole. Nos alcançaram relatos de pessoas que viram javalis, cavalos e até mesmo ovelhas nas ruas da Itália<sup>3</sup>. “E os cisnes, que sempre estiveram lá, continuam na região”, declarou Mari Dutra da Hypeness.

Um turbilhão de informações alcança aqueles que permanecem na clausura, testemunhas enjauladas dos passeios selvagens dos animais soltos às ruas. Como os comensais de Calvino, que retiram cartas do baralho de Tarot para contar suas histórias, vemos o mundo como um dois de paus. Em sua aparente solidão, o cavaleiro não reflete o confinamento, mas uma possível ação no plano coletivo, está com o coletivo. Auto-absorvido em dramatizar suas próprias limitações, não impede o movimento do mundo ao redor. A floresta invade a cidade, os alpes separam céu e mar, os bastões de paus brotam, enquanto o humano afunda-se no alto de sua torre. As ações em curso tornam-se hiperbólicas pois escasso é o campo da invisibilidade. Na clausura não é possível recorrer ao anonimato da multidão. Verdeja a natureza sobre as ruínas vazias, brota-se um profundo azul no mar sem turistas. A espera do cavaleiro dois de paus soa como um alívio. Ele volta suas costas ao bastão à direita da carta que claramente nos lembra uma espada desembainhada, em pé. Este bastão-espada germina em um claro vislumbre do fim do conflito. Na quietude notamos o avanço triunfal da vida animal sobre a cidade, da floresta sobre a ruína, parecendo aliviar o desejo por uma libertação de um modo urbano de vida. Podemos supor que somos testemunhas de uma reintegração de posse, animais a tomar um espaço que é seu.

Didier Réault afirma em sua coluna no jornal O Povo que no Parque Nacional Calanques, França, “a natureza e os animais estão retornando às suas áreas naturais em uma velocidade surpreendente”. Nas cidades, os gramados crescem e oferecem “recursos para abelhas e borboletas” (2020, s/p). Este relato isola o agenciamento humano. É como resultado do confinamento que gambás, chacais e lagartos podem passear em calma. Humanos permanecem redimidos do contato, sem abraços, sem toque, tal qual o dois de paus, acessando o mundo apenas por imagens e signos, segurando-o entre nossas mãos. Os espaços de convivialidade são condensados em pequenas telas, numa mistura de silêncio social e o de-

1 Nas primeiras semanas do isolamento social observava as notícias veiculadas por páginas de outros países nos quais a manifestação da força do vírus se mostrava muito mais intensa. Enquanto nosso modelo de isolamento era restrito, mas permitia saídas para comprar comida, por exemplo, esses países que mencionei impuseram leis marciais, fecharam fronteiras, obrigaram seus habitantes a seguirem regras rígidas de isolamento para tentar impedir a propagação do vírus. Por quanto tempo poderíamos driblar a chegada da força em sua plena potência? A página que veiculou a notícia sobre Portugal apresentava a manchete ‘Animais. “Sem presença humana” é natural que procurem as cidades’ (BANHA, Ana Tereza. 2020, s/d), enquanto eu só conseguia pensar em escapar dos espaços urbanos.

2 Andrew Stuart autointitulado “correspondente das Cabras” postou em suas redes sociais diversos vídeos do rebanho que se tornaram virais. A página que veiculou as notícias sobre os animais “invasores” e as transmissões de Stuart traz a manchete ‘Cabras da peste: “gangue” de cabras selvagens domina as ruas de uma cidade em quarentena’.

3 DUTRA, Mari. 2020, s/d.

sejo de um grito. “A Terra está falando para a humanidade: ‘silêncio’. Esse é também o significado do recolhimento”, acusa assertivamente o pensador Ailton Krenak (MAAKAROUN, 2020, s/d). A ele somam-se outros no coro que procura antever o caminho. O historiador Jérôme Basquet escreve que

O que se configura diante de nossos olhos é um entrelaçamento cada vez mais estreito dos múltiplos fatores de crise que um elemento aleatório, ao mesmo tempo imprevisto e amplamente anunciado, pode ativar. O colapso e a desorganização do sistema vivo, o desequilíbrio climático, a decomposição social acelerada, a perda de credibilidade dos governantes e dos sistemas políticos, a expansão de crédito desmedida, a fragilidade financeira e a incapacidade de manutenção de um nível de crescimento suficiente (para mencionar apenas isto) são dinâmicas que se reforçam entre si, gerando uma extrema vulnerabilidade que decorre do fato de que o sistema-mundo se encontra em uma situação de crise estrutural permanente. De agora em diante, toda estabilidade aparente não será mais do que a máscara de uma instabilidade crescente. (BASQUET, 2020, s/d)

Desorganização de um sistema vivo, ou desequilíbrio dos sistemas humanos? Eis uma dúvida cuja direção parece incerta. Até aqui pudemos observar o impacto das imagens e notícias sobre os animais e a floresta (de modo geral) em um movimento de ocupação sobre a ruína de espaços onde antes desfilavam as intensidades humanas urbanas. Os animais que vimos ressurgir no período inicial de isolamento pandêmico foram vítimas de fatores ambientais extremos, agredidos pelas ações humanas exploratórias. Rebanhos mortos pela seca teriam migrado para regiões úmidas não tivessem sido impedidos pelo controle, urbanização e agenciamento humano cujas consequências ecológicas são desmedidas. Corais, peixes e a biosfera abaixo da água contaminados como efeito da exploração petrolífera, cães e gatos domesticados e fetichizados, galinhas e porcos aprisionados que outrora ciscariam e fuçariam o chão apascentando, os céus desenhados pelos canários em voo livres, peixes que poderiam seguir seu curso pelas correntezas, bilhares de abelhas que não teriam morrido intoxicadas por agrotóxicos em vastas plantações. Os elefantes tailandeses, retratados pela página da BBC News (HATTON, Celia, 2020, s/d), provavelmente não estariam morrendo de fome e teriam migrado para outras regiões não fossem os turistas os entretendo com deliciosos petiscos dia após dia.

É evidente e notório que a presença humana alterou (e segue alterando) o equilíbrio ecológico através das relações territoriais forjadas na organização espacial que privilegia o movimento antropocentrado de tal modo que em países como a África do Sul, onde safaris atraem turistas do mundo todo, os animais, ao longo das últimas décadas, tornaram-se dependentes do turismo humano. Em seu artigo, Paul Kvinta explica:

Em um estudo de 2012, o ecologista Ralf Buckley, da Griffith University, na Austrália, descobriu que a maioria das mais de 1.400 espécies listadas como ameaçadas pela União Internacional para Conservação da Natureza depende do turismo para sua sobrevivência, incluindo espécies icônicas como leões, elefantes e rinocerontes. “Muitas agências de parques em todo o mundo agora dependem fortemente do turismo para financiamento operacional de rotina, mais de 50% em alguns casos”, relatou o estudo. “Isso coloca os mamíferos raros em um novo risco, devido à desaceleração do turismo causada por fatores socioeconômicos externos”. [...] O turismo é uma faca de dois gumes. Financia a conservação, sim, mas muito pode perturbar os padrões de reprodução, hábitos alimentares e movimento migratório. (KVINTA, 2020, s/d)

Estes mesmos fatores acabam por apontar um duplo movimento causado pelo isolamento social. Se por um lado, o enclausuramento dos humanos permite que a vivacidade natural das florestas invada a cidade, por outro lado, os animais submetidos ao controle humano, dependentes do turismo e cerceados pelas fronteiras de parques “de preservação” – leia-se aqui que um grande número destes parques está associado ao turismo – sofrem os efeitos da falta de comida.

Esta capacidade de “modificar a biosfera em escala global” pelas mãos humanas acaba por revelar o antropoceno como capitaloceno, denuncia Basquet. Agora, enquanto alguns pastam suas vastas reservas capitais em casa, pois, segundo alerta Basquet “o mundo está organizado em função das necessidades imperiosas da economia”, a força selvagem da sobrevivência confunde aquilo que parecia definido e seguro enquanto eixos de uma humanidade pautada no desenvolvimentismo exploratório. Diante disto, só nos resta perceber que os caminhos imperiosos e o esforço de sobrevivência da própria natureza nos levam a caminhos desconhecidos, desenhados para além de nossos mapas sociais, que excluem a noção de sociedade ecológica. Ao que pudemos perceber com as imagens de ressurgimento dos animais selvagens de modo tão intenso nos primeiros meses da pandemia, há um esforço imensurável dos sistemas para recobrar uma ordem

natural em cujo movimento o humano não se encontra centralizado. Aqui parece falecer o sistema antropocêntrico de organização e operacionalização espacial, pautado por desejos de capital tão imediatistas que não podem dimensionar as consequências de sua escala mínima diante da natureza.

Lembremos que o dois de paus também nos mostra um céu diurno, sem estrelas, sem astros. Chamamos Gonçalo Tavares em *Diário da Peste* (2020), que busca em Eliot Weinberger os prenúncios das forças celestiais quando pergunta o que são as estrelas, para refletir o que significaria a ausência delas, em nossa referência imagética:

São prenúncios de guerra, morte, fome, pragas, de colheitas fartas ou magras, do nascimento de reis; são elas que regulam o preço do sal e do peixe (...) são os caçadores de focas que perderam o seu rumo. (Weinberger apud TAVARES, 2020, s/p) [... e complementa...] Astro e desastrado têm a mesma origem. Desastrado, aquele que não está atento aos astros. Aquele que está dessincronizado com o que vem de cima. Entra cedo demais ou tarde demais. Diferentes países, diferentes estratégias. Fechar, abrir, fechar, abrir. Roma, a pastora de Berna é uma desastrada. Jeri, a golden, uma pontual com os pontuais astros dos animais. (TAVARES, 2020, s/d, grifo nosso).

Guiados no dois de paus por um céu capital, diurno e produtivo, o desastre revelador denuncia a retomada da floresta, em busca por seus espaços roubados. O dia está iniciando, em meio à ruína os bastões germinam e abrem suas folhas para um céu claro. Enquanto isso, os astros animais como o escorpião, o touro, o carneiro, os peixes, a serpente, e o golfinho já não pairam no firmamento, tomam espaço entre nós. Diante da incerteza humana é o animal que está na rua, quem está pelas florestas, escondido aos arredores do homem, aparecendo nos locais dos quais sua presença foi antes excluída. Ele sempre esteve ali, nas sombras do selvagem contido. Para Dominique Lestel, defensor das questões animais, professor de Ciências Cognitivas na École Normale Supérieure em Paris, “O animal não habita apenas as casas, os quintais ou os campos do homem; ele povoa também seu espírito e sua imaginação, seus medos e suas crenças.” (LESTEL, 2011, p. 40).

Contudo, não se pode ditar o fim do humano, mas um caminho à fronteira, onde, às margens do humano, caminhamos para um outro equilíbrio em direção ao animal. O que nos interessa aqui, em meio a ruína e como testemunhas destas pequenas retomadas de espaço pelos “seres da floresta”, é a singela observação sobre o animal que, em nós, escava sua profundidade. Ou ainda questionar, o que se abre em nós como algo que sempre ali esteve e que, neste momento, começa a pulsar incontrolavelmente, um despontamento impetuoso de um humano em devir-animal? Derrida, desnudado de sua humanidade pelo olhar de sua gata escreve:

Como todo olhar sem fundo, como os olhos do outro, esse olhar dito “animal” me dá a ver o limite abissal do humano: o inumano ou o a-humano, os fins do homem, ou seja, a passagem das fronteiras a partir da qual o homem ousa a se anunciar a si mesmo, chamando-se assim pelo nome que ele acredita se dar. E nesses momentos de nudez, diante do olhar do animal, tudo pode me ocorrer, eu sou como uma criança pronta para o apocalipse, eu sou o próprio apocalipse, ou seja, o último e o primeiro evento do fim, o desvelamento e o veredito. Eu sou o apocalipse, eu me identifico a ele correndo-lhe atrás, atrás dele, atrás de toda a sua zoo-logia. Quando passa o instante de extrema paixão, é que reencontrou a paz, então posso falar tranquilamente das bestas do Apocalipse, visitá-las no museu, vê-las em pintura (mas a zoografia, para os gregos, designava arte de retratar o vivente em geral e não apenas a pintura animal); posso visitá-los no zoológico, lê-los em uma bíblia ou falar deles como um livro. (DERRIDA, 2002, p. 31, grifo do autor)

“Que me dá a ver este olhar sem fundo?”, indaga ainda. Atingidos pelo olhar dos animais a nossa volta e desveladas as distâncias entre o humano (agora aprisionado) e o animal (em trânsito, livre pelas ruas), são as relações com a cidade, com o território e com a espacialidade que julgávamos, anteriormente, domínios do eu que, neste momento, parecem estrangeiras à nossa própria existência. Enjaulados, nos tornamos prisioneiros de nossos próprios impulsos, da selvageria outrora dispersa nos modos anônimos de convivalidade urbana, e neles, vemos um outro de nós-mesmos que havíamos sonhado conter.

A floresta já não ocupa apenas as ruas e a cidade, os animais já não passeiam mais apenas pelas vias e pelos canais, mas ocupam um território dominado, familiar e tornado disponível pelo caos pandêmico – um território que nos constitui, nos atravessa e, portanto, também conforma a subjetividade do humano. Eis a primeira lição dos animais não-humanos ao animal-humano em isolamento: um território humano faz-se no atravessamento de diversos outros territórios e outras forças que julgamos detentores e que podem ser tomadas de volta. A distância do comportamento territorial dos animais não-humanos pode ser muito mais curta, mais próxima do que imaginávamos.

Pegos tal qual a gata de Derrida, que o olha fixamente e na mirada o desvela a si mesmo (ela o olha em um instante de nudez), o interior de nossas jaulas não nos mobiliza tanto quanto o espaço rítmico e pulsante dos atravessamentos humanos urbanos ou o espaço etéreo e melódico dos atravessamentos rurais. É nestas pontuais observações que percebemos a falta do outro, de uma organização coletiva e das ocupações humanas no território. As operações corriqueiras no território tido como dominado – os caminhos e os espaços que conhecemos e que frequentávamos – chamam nossos corpos quando somos reféns da força invisível de um vírus.

Agora nós nos assemelhamos aos animais que outrora aprisionamos, ignoramos, isolamos – como os humanos-em-devir-outro de Calvino, estranhos comensais confinados às paredes de um castelo em meio a floresta – despertando para nossa própria animalidade e, também, nossa própria necessidade de existência coletiva. As vestes, as fortalezas, os castelos, a performatividade muda dos corpos, as ruas e as cidades não fazem sentido sem as forças que as atravessam e as constituem – as forças dos corpos no território. Tais forças se constituem enquanto processos originais de configuração espacial que nos atravessam em sua potência animal, em sua/nossa constituição natural de sujeito pertencente a um coletivo, composto da soma irreversível de alteridades, absorvidas pelo meio que habitam, compostas em ambiências partilhadas. Estas forças vêm à tona, tornam-se latentes à medida em que reconhecemos que os animais tomam os espaços que até pouco eram ocupados exclusivamente pelos corpos humanos, pelo ritmo desenfreado dos veículos e por uma razão produtiva que não cabe no pensamento ecológico.

## Referências

- CALVINO, Ítalo. O castelo dos destinos cruzados. Tradução: Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- DERRIDA, Jacques. O animal que logo sou. Tradução Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- LESTEL, Dominique. A animalidade, o humano e as “comunidades híbridas”. In: Pensar / Escrever o animal: Ensaios de zoopoética e biopolítica. Org. Maria Esther Maciel. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- ANIMAIS selvagens encorajados se aventuram em cidades fechadas em todo o mundo. The Guardian, 2020. Disponível em: [https://www.theguardian.com/world/2020/mar/22/animals-cities-coronavirus-lockdowns-deer-raccoons?fbclid=IwAR2IYvYGfmmmb85r4ct2GZFiXp0y6WiN\\_ZfgSKmy1Pv7o1plON1TfsJ8Lbjw](https://www.theguardian.com/world/2020/mar/22/animals-cities-coronavirus-lockdowns-deer-raccoons?fbclid=IwAR2IYvYGfmmmb85r4ct2GZFiXp0y6WiN_ZfgSKmy1Pv7o1plON1TfsJ8Lbjw). Acesso em: 28 mar. 2020.
- BANHA, Ana Tereza. Animais. “Sem presença humana” é natural que procurem as cidades. Jornal I, 2020. Disponível em: [https://ionline.sapo.pt/artigo/691455/animais-sem-presenca-humana-e-natural-que-procurem-as-cidades-?secao=Mundo\\_i](https://ionline.sapo.pt/artigo/691455/animais-sem-presenca-humana-e-natural-que-procurem-as-cidades-?secao=Mundo_i). Acesso em: 07 abr. 2020.
- BASQUET, Jérôme. COVID-19: o século XXI começa agora. N-1 Edições, 2020. Disponível em: [https://n-1edicoes.org/017?fbclid=IwAR0X7BBFqIFE5VvqvA9eobtoU\\_lmNmB8S3TnFkM6LUHBhMDWMPHnGmeu1rA](https://n-1edicoes.org/017?fbclid=IwAR0X7BBFqIFE5VvqvA9eobtoU_lmNmB8S3TnFkM6LUHBhMDWMPHnGmeu1rA). Acesso em: 09 abr. 2020.
- BICHOS ganham as ruas durante quarentena humana. BBC News, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52158352>. Acesso em: 04 abr. 2020.
- COM praias vazias, 97 tartarugas-de-pente nascem em Pernambuco. UOL, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3mDRbL1>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- CORONAVÍRUS: sem turistas, tartarugas retornam em massa para fazer seus ninhos nas costas indianas. Revista Pazes, 2020. Disponível em: [https://www.revistapazes.com/coronavirus-sem-turistas-tartarugas-retornam-em-massa-para-fazer-seus-ninhos-nas-costas-indianas/?fbclid=IwAR0zA5TqvlaBHgYaBucCnRGq1AuQcHL2WN\\_9eXfohahwi2xiM2qDgnG15rU](https://www.revistapazes.com/coronavirus-sem-turistas-tartarugas-retornam-em-massa-para-fazer-seus-ninhos-nas-costas-indianas/?fbclid=IwAR0zA5TqvlaBHgYaBucCnRGq1AuQcHL2WN_9eXfohahwi2xiM2qDgnG15rU). Acesso em: 02 abr. 2020.
- DUTRA, Mari. Animais selvagens ocupam cidades em quarentena pelo mundo. Hypeness, 2020. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/03/animais-selvagens-ocupam-cidades-em-quarentena-pelo-mundo/>. Acesso em: 05 abr. 2020.
- HATTON, Celia. Coronavírus: elefantes da Tailândia podem morrer de fome com o colapso do turismo. BBC News, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52146638>. Acesso em: 09 abr. 2020.

KVINTA, Paul. A quarentena pode ser boa para os animais – mas não por muito tempo. Go Outside, 2020. Disponível em: <https://gooutside.com.br/a-quarentena-pode-ser-boia-para-os-animais-mas-nao-por-muito-tempo/>. Acesso em: 03 abr. 2020.

MAAKAROUN, Berta. “O modo de funcionamento da humanidade entrou em crise”, opina Ailton Krenak. Estado de Minas, 2020. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/04/03/interna\\_pensar,1135082/funcionamento-da-humanidade-entrou-em-crise-opina-ailton-krenak.shtml?fbclid=IwAR0XXHXqX-sr8zMx7o7z-Z8rOOC0r\\_ehXX0mgpxxqH5NXgUBYF\\_GrEO8Tw](https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/04/03/interna_pensar,1135082/funcionamento-da-humanidade-entrou-em-crise-opina-ailton-krenak.shtml?fbclid=IwAR0XXHXqX-sr8zMx7o7z-Z8rOOC0r_ehXX0mgpxxqH5NXgUBYF_GrEO8Tw). Acesso em: 06 abr. 2020.

NATUREZA dá sua resposta para os tempos de quarentena. O Povo, 2020. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/vidaarte/2020/03/30/natureza-da-sua-resposta-para-os-tempos-de-quarentena.html>. Acesso em: 07 abr. 2020.

“NOSSO desrespeito pelos animais causou esta pandemia”, diz primatologistas. ANDA – Agência de Notícias de Direitos Animais, 2020. Disponível em: <https://www.anda.jor.br/2020/04/nosso-desrespeito-pelos-animais-causou-esta-pandemia-diz-primatologista/?fbclid=IwAR0ZKv3P5JgachQ-AHebXidzgBYBtclh0dKrgoAJGHILsyTY30f7skcGLMA>. Acesso em: 14 abr. 2020.

ROMANZOTI, Natasha. Cabras da peste: “ganguê” de cabras selvagens domina as ruas de uma cidade em quarentena. Hypescience, 2020. Disponível em: <https://hypescience.com/gangue-de-cabras-selvagens-domina-as-ruas-de-uma-cidade-em-quarentena/>. Acesso em: 02 abr. 2020.

ROMANZOTI, Natasha. Coronavírus: 10 fotos mostrando animais recuperando espaços humanos. Hypescience, 2020. Disponível em: <https://hypescience.com/coronavirus-10-incriveis-fotos-mostrando-animais-ocupando-espacos-humanos/>. Acessado em: 04 abr. 2020.

SARAIVA, Jacqueline. Coronavírus afasta turistas e grupos de macacos lutam por comida. Metrôpoles, 2020. Disponível em: [https://www.metropoles.com/mundo/meio-ambiente-mundo/coronavirus-famintas-gangues-de-macacos-brigam-por-comida?fbclid=IwAR3MPgWVm4KfByhAA1CjDgJa\\_nJEifqYiSPV8\\_qtkyHQfMk5Pu4ZVUpww](https://www.metropoles.com/mundo/meio-ambiente-mundo/coronavirus-famintas-gangues-de-macacos-brigam-por-comida?fbclid=IwAR3MPgWVm4KfByhAA1CjDgJa_nJEifqYiSPV8_qtkyHQfMk5Pu4ZVUpww). Acesso em: 28 mar. 2020.

TAVARES, Gonçalo M. Diário da Peste. O humano é um animal que sabe esperar. Expresso, 2020. Disponível em: <https://expresso.pt/opiniao/2020-04-30-Diario-da-Peste.-O-humano-e-um-anim-al-que-sabe-esperar>. Acesso em: 20 mai. 2020.